

NOS INTERFLÚVIOS DO RURAL E DO URBANO NA AMAZÔNIA: O CASO DE CODAJÁS-AMAZONAS, BRASILⁱ

In the interfluves of the rural and the urban in the Amazon: the case of Codajás, Amazonas-Brazil

Interfluves dans le rural et urbain en Amazonie: le cas de Codajás-Amazonie, Bresil

Thiago Pimentel Marinhoⁱⁱ
Tatiana Schorⁱⁱⁱ
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

A complexidade da relação cidade-campo no Amazonas pode ser associada ao fenômeno de cheia/enchente e seca/vazante dos seus rios. Quando o rio está cheio, entre os meses de maio e julho, as planícies são inundadas pela água, unindo rios com outros rios e lagos. Esse fenômeno caracterizado como *interflúvio* faz com que espaços de difícil acesso no período na seca, sejam facilmente interligados e unidos pela rede fluvial. Neste sentido, a dinâmica espacial se modifica sazonalmente e o ribeirinho é móvel sendo que qualquer que seja sua residência primária ele navega pelos interflúvios das redes rurais-urbanas. Essa mobilidade caracteriza tanto o rural e quanto o urbano tornando difícil a distinção entre ambos. Para analisar esta relação escolheu-se a produção de açaí em Codajás no estado do Amazonas. Ao analisar o açaí de Codajás, pretende-se mostrar que os municípios do Amazonas, principalmente aqueles com cidades pequenas, não podem ser entendidos sem as estreitas relações sociais e de produção decorrentes da relação campo/cidade.

Palavras-chave: urbano e rural na Amazônia brasileira; cidades pequenas no Amazonas; açaí; Codajás.

Abstract

The complexity of the relation city-countryside in the Amazonas state can be associated to the seasonality of the river system, specifically the high and low waters. When the river is in its high season, between the months of May and July the low lands are flooded, uniting rivers and lakes. This phenomenon characterized as interfluves turns places that are of difficult access during dry season easily linked and united by the fluvial network. In this sense, the spatial dynamics modifies itself seasonally and the "ribeirinho", traditional inhabitants that lives by the rivers, is mobile living in the city or in the countryside, navigating through the rural-urban networks. This mobility characterizes both rural and urban specialities making there distinction difficult. In order to analyse this relation the production of açaí in Codajás, state of Amazonas. Analysing the açaí of Codajás will show that the counties of Amazonas state, specially those with small cities can not be understood without the social relationship of production that are constructed in this interfluve city-countryside.

Keywords: urban and rural in brazilian Amazon; small cities in the Amazonas; açaí; Codajás.

Résumé

La complexité de la relation entre ville et campagne en Amazonie peut être associée au phénomène d'inondation / inondations et la sécheresse / manque d'eau dans ses rivières. Lorsque le fleuve est plein, entre les mois de Mai et Juillet, les plaines sont inondées par l'eau, les rivières se joignant à d'autres rivières et des lacs. Ce phénomène est caractérisé comme interfluve rend les espaces difficiles d'accès pendant la saison sèche, et sont facilement reliés entre eux par le réseau fluvial. En ce sens, les changements spatiaux de la dynamique saisonnière et le riverains du bord du fleuve est mobile et que quel que soit ça résidence principale, il navigue sur les interfluves des réseaux ruraux-urbains. Cette mobilité caractérise à la fois rural et urbain comme ce qui rend difficile de distinguer entre eux. Pour analyser cette relation l'açaí de Codajás dans l'Etat d'Amazonas a été choisi. Lors de l'analyse de l'açaí de Codajás, destiné à montrer que les municipalités de l'Amazonas, en particulier ceux avec les petites villes, ne peut pas être comprise sans les relations étroites et sociaux de production résultant de rapport rural/urbain.

Mots-Clés: les zones urbaines et rurales de l'Amazonie brésilienne; les petites villes de l'Amazonie; d'açaí; Codajás.

O RURAL E O URBANO NA AMAZONIA OCIDENTAL

Há na Amazônia, e em especial no estado do Amazonas, uma estreita relação de dependência mutua entre o urbano e o rural o que faz com que características próprias de cada um acabem por confundirem-se no

espaço das relações sociais e de produção (BROWDER; GODFREY, 2006; WINKLERPRINS; SOUZA, 2005). Existe um complexo sistema de fluxos entre as áreas rurais e urbanas com moradias multilocais que caracterizam as comunidades da várzea na Amazônia que afetam a natureza das florestas

nestas áreas tradicionalmente habitadas (PALOCH et al. 2008).

Diferente de outras populações camponesas tradicionais, o camponês ribeirinho da Amazônia utiliza-se de uma multiplicidade de *habitats*: a terra, a floresta e a água (WITKOSKI, 2007). Essa multiplicidade, narrada por Witkoski (2007), é presente não somente no meio rural, mas também na cidade. Como analogia a complexidade da relação campo-cidade associamos esta ao fenômeno de cheia/enchente e seca/vazante dos rios amazônicos. Quando o rio está cheio entre os meses de maio e julho as planícies são inundadas pela água, unindo rios com outros rios e lagos. Esse fenômeno caracterizado como *interflúvio* faz com que espaços de difícil acesso no período na seca, sejam facilmente interligados e unidos pela rede fluvial. Neste sentido, o ribeirinho é móvel sendo que qualquer que seja sua residência primária ele navega pelos interflúvios das redes rurais-urbanas (PALOCH et al., 2008), mantendo suas preferências rurais ou urbanas de acordo com as necessidades que podem ser adequadamente resolvidas pela articulação das duas redes. O conhecimento sobre os recursos rurais e florestais e a possibilidade de utilização destes como produtos para a subsistência ou mesmo para a geração de renda em dinheiro é crucial para a sobrevivência do indivíduo e da coletividade ribeirinha.

Em cidades pequenas no Amazonas é possível perceber esse fenômeno de interflúvio no rural e no urbano por meio das relações sócias e de produção que os une. Este artigo visa analisar esse processo objetivando entender as relações multi-escalares entre o rural e o urbano na Amazônia Ocidental, em especial na rede urbana da calha do rio

Solimões, no estado do Amazonas. A rede urbana ao longo da calha do rio Solimões tem uma característica muito marcante que é a inexistência de rodovias que liguem as cidades ou a região com o resto do país. O transporte de mercadorias e pessoas é realizado majoritariamente por via fluvial, sendo que para esse último isso se deve também pelo pequeno fluxo de vôos entre as cidades. Os produtos e pessoas passam pela mesma via que neste caso é o rio Solimões. Estudos realizados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades da Amazônia Brasileira (NEPECAB) identificaram esta região como sendo composta de cidades pequenas e médias que podem ser tipificadas como cidades de dinâmica econômica externa, intermediárias, especiais e de responsabilidade territorial (OLIVEIRA; SCHOR, 2010; SCHOR et al., 2009). Em todas estas cidades é reconhecido o interflúvio entre o rural e o urbano, em especial com relação à alimentação (MORAES; SCHOR, 2010) e a produção e comercialização de produtos florestais não-madeiros (MARINHO, 2007).

Neste conjunto de cidades identificou-se nas que são pequenas de dinâmica econômica externa, onde esta inserida a cidade de Codajás (OLIVEIRA; SCHOR, 2010; SCHOR et al., 2009), uma relação diferenciada entre o rural e o urbano, principalmente pelo fato da produção rural-florestal, ou melhor, da produção ribeirinha, estar voltada principalmente para o mercado externo à rede urbana da qual essas cidades fazem parte, com a produção do açaí voltada para o mercado internacional.

A cidade de Codajás (FIGURA 1), assim como as demais cidades do Amazonas, o cultivo de árvores frutíferas e hortaliças para

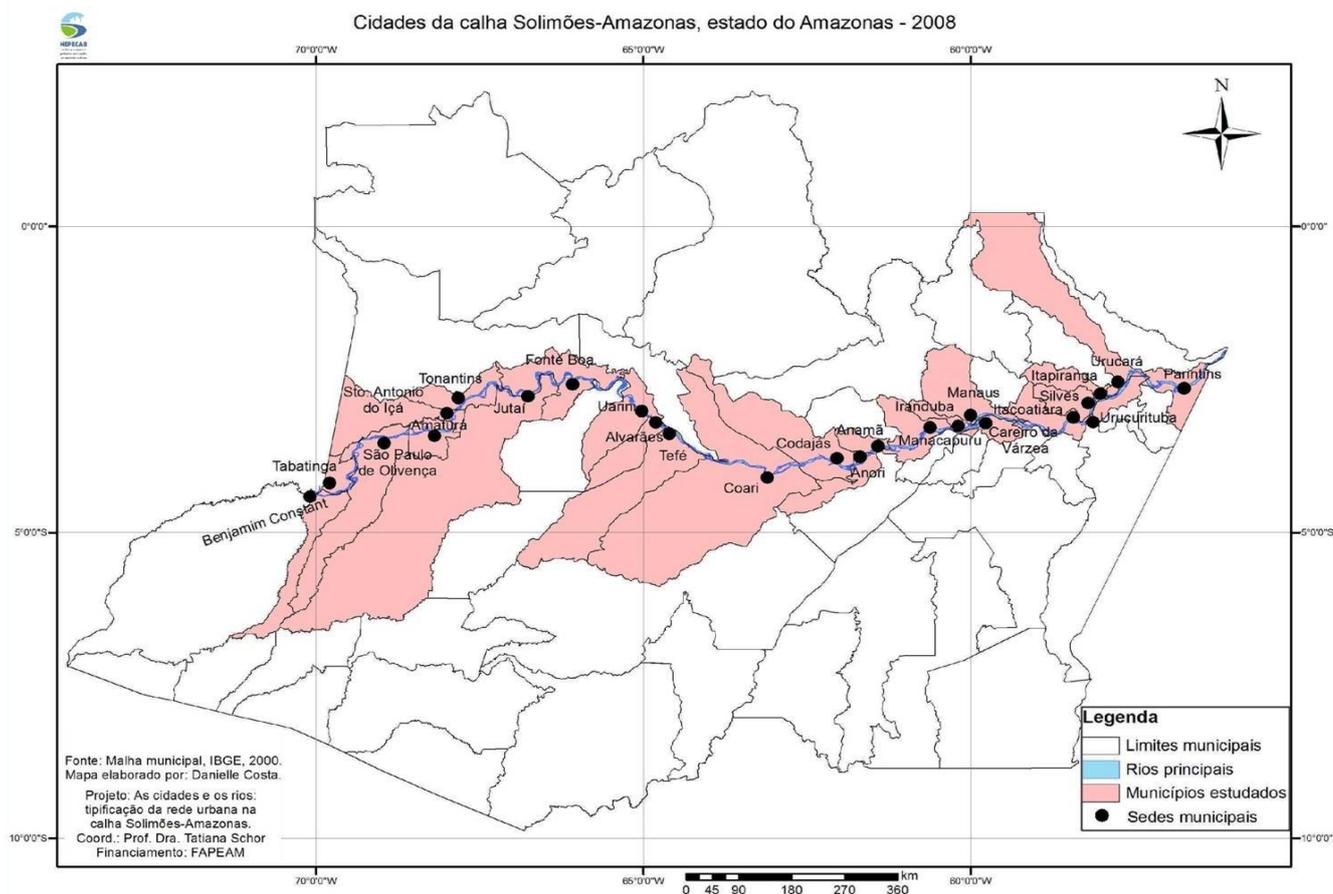


Figura 1 - Localização das cidades da Calha do Rio Solimões-Amazonas/ AM.

Fonte: Acervo NEPECAB, 2008.

consumo familiar é fortemente presente nos quintais das casas (MORAES; SCHOR, 2009), e é parte importante da dieta local em especial com relação à produção de temperos (cebolinha, coentro). Essa produção caseira é complementada com produtos oriundos do trabalho no campo por meio da agricultura ou do extrativismo vegetal e/ou animal.

A atividade que levou a caracterizar a cidade de Codajás como sendo de dinâmica econômica externa é a produção de açaí para o mercado regional, Manaus, e para o mercado internacional, neste caso Europeu e Norte-Americano. O interessante do caso analisado é que uma importante área de produção de açaí está localizada ao redor da cidade formando um cinturão agrícola e extrativista. Com a expansão da cidade este cinturão composto por áreas de açaizeiros nativos é fragmentado em

lotes urbanos e os açaizeiros em plantas domésticas, internas aos quintais das casas. Este processo modifica o espaço no qual o açaí é extraído, passando da extração realizada exclusivamente no meio rural para ser também uma atividade de agricultura urbana. Esse processo faz com que os moradores do campo próximos a cidade tenham uma relação de produção e comercialização de seus produtos diferentes dos demais que estão localizados em comunidades distantes.

A cidade de Codajás serve como estudo de caso¹ para se analisar os interflúvios do rural e do urbano, assim como as consequências desse processo na estrutura da rede urbana e nas relações sociais e de produção nos municípios da calha dos rios Solimões e Amazonas/ AM.

ORURALEOURBANO NO AMAZONAS

Com o processo de industrialização intensificado no Brasil nas décadas de 1970 e 1980 ocorre o crescimento das grandes cidades e metrópoles e conseqüentemente a expansão do urbano no cenário nacional. Esse fenômeno é a base da discussão sobre até que ponto se pode afirmar a existência nos tempos atuais do rural frente ao que Monte-Mór (2004) afirma de urbanização extensiva. É possível afirmar a existência de limites claros do urbano e do rural, especialmente nos municípios do interior do Amazonas?

Segundo Veiga (2004) o processo de urbanização deve ser entendido não de forma homogênea, mas com complexidade e graus variados de atuação no espaço. O meio rural sempre relacionado à agricultura é muito mais que essa, deste modo, deve ser entendido como espaço social e físico. Como espaço social uma completa industrialização da agricultura levaria a uma completa urbanização. Contudo, como espaço físico a industrialização não conseguiria urbanizar todo o espaço rural compreendido não somente de áreas de agricultura, mas também do espaço natural, isso se deve a especificidade do segundo setor produtivo nesse espaço.

A permanência do rural se estabelece no fato da sociedade manter nesse espaço uma forte relação com o meio natural. Apesar do que se poderia chamar de uma industrialização da agricultura o rural deve ser entendido a partir de uma relação ecológica-econômica e o urbano espacializado de forma contraditória e não em uma suposta tendência a totalização no capitalismo atual.

Segundo Reis (2006) as definições de rural e urbano são associadas a duas grandes abordagens: a dicotômica e a *continuum*. Na

dicotômica, a análise se dá a partir das diferenças que se estabelecem entre os dois, sendo o campo e a cidade entendidos como espaços opostas. Entendendo pela abordagem *continuum* os limites entre o rural e o urbano é compreendido com mais fluidez, aproximando mais esses dois espaços.

O fenômeno da industrialização torna possível a compreensão de um espaço *continuum* urbano-rural decorrente do crescimento das cidades por meio da adição de periferias mais ou menos distantes pelo tecido urbano, industrialização da agricultura e da chegada do urbano nas áreas rurais proporcionando uma mudança da antiga rigidez nos limites desses dois espaços para uma maior fluidez entre eles. Mas segundo o autor o espaço *continuum* não é uma realidade presente em todas as regiões do mundo, há ainda países que possuem espaços nos quais o processo de urbanização ainda não chegou de forma significativa no campo e o limite entre esses dois permanece dicotômico.

A realidade de fluidez exposta por Reis (2006) é baseada no conceito de urbanização extensiva proposta por Monte-Mór (2004) que vem a ser o urbano (tecido urbano-industrial) que ultrapassa os limites das cidades se estendendo ao campo e regiões, integrando-os. Segundo o autor o urbano no capitalismo mais avançado deixa o espaço da cidade para se tornar o espaço social total, isso se deve ao fato do campo ter perdido seu caráter auto-suficiente sendo agora submetido de forma plena a cidade industrial.

Essa nova configuração urbano-industrial, que inicialmente significou a penetração das relações capitalistas de produção sobre a periferia das metrópoles e cidades industriais, estendeu-se sobre outras cidades médias

e pequenas e o campo que lhes era circunvizinho. Em pouco tempo, essa extensão das relações de produção capitalistas e das condições gerais de produção (e de reprodução da força de trabalho) atingiu *virtualmente* todo o espaço nacional (MONTE-MÓR, 2004, p.15).

Segundo o autor o agrário no rural não deixa de existir, mas sim problemas rurais ligados a rusticidade, isolamento, a desarticulação e a exclusão do campo. Além disso, o campo torna-se lugar de descanso para os habitantes da cidade que possuem sítios para o final de semana. Esses fatores inviabilizam pensar urbano e rural ainda de forma dicotômica, pois o hibridismo e a complexidade de formas e processos socioespaciais contemporâneos estarão sempre presentes.

Voltando-se para uma discussão sobre o rural, mas especificamente, ao agricultor e a produção camponesa há pontos de discórdia entre as vertentes teóricas que discutem sobre a questão agrária. Há segundo Oliveira (1996) três vertentes. A primeira afirma que o capitalismo tente a generalizar as relações de produção específicas desde o interior da agricultura o que se daria de dois modos: um seria a destruição do campesinato originando duas classes sociais: os dos pequenos capitalistas rurais e outros que não possuindo mais a posse da terra tornar-se-ão proletários. O outro se daria a partir da modernização do latifúndio por meio das empresas capitalistas (agronegócio).

Para a segunda vertente, as relações capitalistas ao entrarem na produção do campo provocam um processo de separação expressos em três etapas: a primeira dar-se-ia a partir da ruptura das relações comunitárias com o surgimento do produtor individual, a segunda

seria a partir da introdução da economia de mercado resultando na separação entre a indústria rural e a agricultura e a terceira seria a proletarização do pequeno produtor por meio de sua separação dos meios de produção.

A terceira afirma a existência e a permanência do modo de produção camponesa como uma relação não capitalista no campo, mantida “pelo processo contraditório de desenvolvimento capitalista de produção” (OLIVEIRA, 1996, p.46). Segundo esta vertente o produtor tente a permanecer e não a desaparecer devido sua importância ao sistema capitalista que cria produções e relações capitalistas e não-capitalistas.

Segundo Schneider (1999) para que a produção camponesa permanecesse até os dias atuais foi necessário transformações e adaptações, surgindo o que então foi chamado de plularidade. Esse processo foi utilizado deste os primeiros a discutirem sobre esse assunto como Lênin e Chayanov para explicar tanto o possível fim quanto a permanência do campesinato. Para os que acreditam na plularidade como um processo de reestruturação do campesinato:

o termo plularidade tem sido usado para descrever o processo de diversificação que ocorre dentro e fora da propriedade, bem como apontar a emergência de um conjunto de novas atividades que tomam lugar no meio rural (SCHNEIDER, 1999, p.185).

A plularidade seria, então, deste modo, para o agricultor camponês, uma forma de complementar a renda familiar, ou seja, quando a renda da produção agrícola não consegue manter as despesas, o agricultor vende sua força de trabalho vindo a fazer outra

atividade fora ou dentro da propriedade. O importante nesse caso é frisar que esse trabalho é uma atividade extra a fim de complementar a renda e não uma possível proletarização, pois o camponês ainda continua possuidor da terra e permanece retirando dela a sua renda principal.

Mas, segundo Silva (1997) o rural brasileiro não pode ser mais entendido como agrário, para ele as zonas rurais cada vez mais se urbanizam acontecendo assim um processo de aumento da plularidade (neste caso a plularidade é entendida como o início do processo de proletarização) dos trabalhadores rurais e moradores do campo desvinculados de qualquer atividade agrícola:

O comportamento do emprego rural, principalmente dos movimentos da população residente nas zonas rurais, não pode ser mais explicado apenas a partir do calendário agrícola e da expansão/retração das áreas e/ou produção agropecuárias. Há um conjunto de atividades não-agrícolas tais como a prestação de serviços (pessoais, de lazer ou auxiliares das atividades econômicas), comércio e indústrias que respondem cada vez mais pela nova dinâmica populacional do meio rural brasileiro (SILVA, 1997, p.93).

Para Silva (1997) o indicador desse processo é o PEA (População Economicamente Ativa) rural ser maior que o agrícola no Brasil, ou seja, no meio rural as atividades não-agrícolas empregam mais pessoas do que atividades agrícolas.

Contudo, apesar do limite entre rural e urbano estar cada vez mais flexível em alguns lugares (com equipamentos e relações de produção urbanos ocupando cada vez mais o meio rural), isso não quer dizer que o campesinato está desaparecendo frente ao

agronegócio e atividades não-agrícolas, pois esses fenômenos ocorrem em áreas específicas do país e não refletem a realidade nacional.

Quanto a atividades não-agrícolas um exemplo de não homogeneização desse processo no cenário nacional é o estado do Amazonas em que suas cidades, exceto a capital Manaus, não possuem indústrias que alimentem de maneira significativa sua economia local e afirmar que a agricultura camponesa desses municípios esta perdendo espaço para o mercado assalariado não-agrícola é uma afirmação incondizente com a realidade.

O que se viu até o momento são discussões acerca das influências do urbano no rural, porém em Codajás, e em outros municípios da calha do rio Solimões-Amazonas, a realidade é outra, pois o que há é uma dupla influência de um espaço sobre o outro. Se a plularidade surge para o camponês como uma alternativa a complementar a renda familiar, o morador da cidade vê nas atividades agrícolas e/ou extrativistas vegetais (açai) e/ou animais (pesca) uma alternativa para complementar a renda ou sendo estas atividades a principal renda monetária das famílias das cidades pequenas dos municípios da calha do rio Solimões.

Outro fenômeno nestes municípios é a presença da casa do interior e a casa da cidade. Muitas famílias que exercem atividades agrícolas acabam possuindo casas tanto na cidade quanto no meio rural e os que vivem do pescado normalmente possuem casas somente na cidade e se deslocam regularmente para os rios e lagos para pescar.

Em Codajás, diferente do que se pode perceber na literatura exposta acima, a fluidez das relações campo/cidade se deve ao fato das



Figura 2A - Monumento em homenagem ao coletor de açaí.

Figura 2B - Praça do Açaí na orla da cidade.

Fonte: Acervo NEPECAB, 2008.

relações de produção rural tornarem-se muito presentes no urbano, e este por sua vez reflete no rural não pela expansão da cidade industrial e infraestrutura como energia elétrica, água encanada e esgoto, mas sim pela influência da cidade detentora de serviços (por mais simples que sejam) como saúde e educação, além do fato da cidade ser ponto principal de agregação de valor nos produtos rurais (transformação do fruto do açaí em um concentrado de açaí embalado para viagem) e comercialização de seus produtos.

A realidade encontrada em Codajás é representativa de diversas situações na Amazônia, assim como a produção de alimentos da cesta básica (WINKLERPRINS; SOUZA, 2005; MORAES; SCHOR, 2010; PALOCH et al. 2008); ou a produção de madeiras para a construção de moradias (PALOCH et al. 2008). O estudo da produção do açaí e os impactos nas relações entre o rural e o urbano no estado do Pará é consolidado (PALOCH et al. 2008), porém pouco tem se descrito e analisado essas relações em áreas fora do grande cinturão de produção do açaí, em especial na Amazônia Ocidental na qual o município de Codajás aparece como um dos principais produtores e neste caso como uma

agricultura rural e urbana. Neste sentido, o estudo dos açaizeiros de Codajás permite um olhar mais próximo às interrelações do interflúvio rural-urbano na Amazônia.

OS AÇAIZEIROS DE CODAJÁS

A principal atividade produtiva e econômica de Codajás é o açaí. Na paisagem da cidade fica comprovada essa afirmação por meio de praças e monumentos em sua homenagem. No mês de abril, o município comemora a Festa do Açaí, período do auge da colheita (FIGURAS 2A e 2B).

O município está em quarto lugar na produção de açaí no Amazonas, e o estado encontra-se em terceiro lugar na produção nacional (GRÁFICOS 1 e 2). Mas apesar do município não ser o líder do mercado de produção de açaí no estado, Codajás é considerada a capital do açaí no Amazonas. Esse título não se deve, deste modo, a quantidade de produção, mas pelo fato do açaí ser para este município a principal atividade produtiva grande parte para exportação, interferindo diretamente na sua atividade econômica e consequentemente na renda de seus habitantes.

Perreira (2007) em seu estudo sobre a

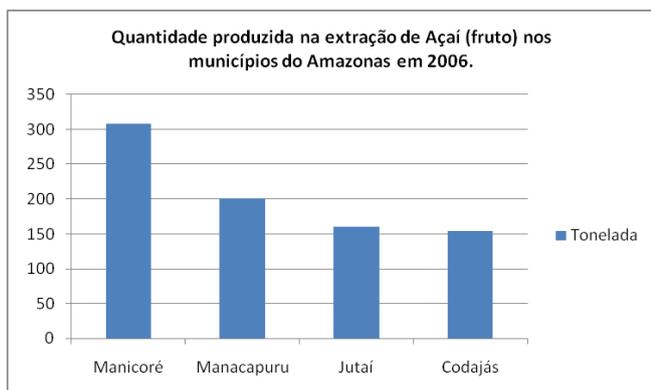


Gráfico 1 – Quantidade produzida na extração de Açaí (fruto) nos municípios do Amazonas em 2006.
Fonte: IBGE – Produção Extrativista Vegetal 2006.

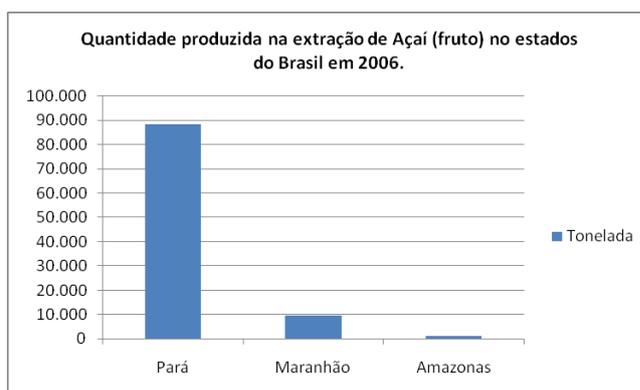


Gráfico 2 – Quantidade produzida na extração de Açaí (fruto) nos estados do Brasil em 2006.
Fonte: IBGE – Produção Extrativista Vegetal 2006.

vida ribeirinha das comunidades do lago do Cururu, interior no município de Manacapuru-AM, narra sobre o processo de colheita do açaí pelo camponês-ribeirinho. O camponês utilizando-se um terçado para cortar o cacho e de um cesto de cipó ou saca dirigi-se ao açáizal. Há uma observação previa para analisar a resistência do tronco da palmeira que pode estar brocada, assim como a capacidade do estipe em suportar seu peso, a inclinação do açazeiro pode vir a indicar ser perigosa a sua subida.

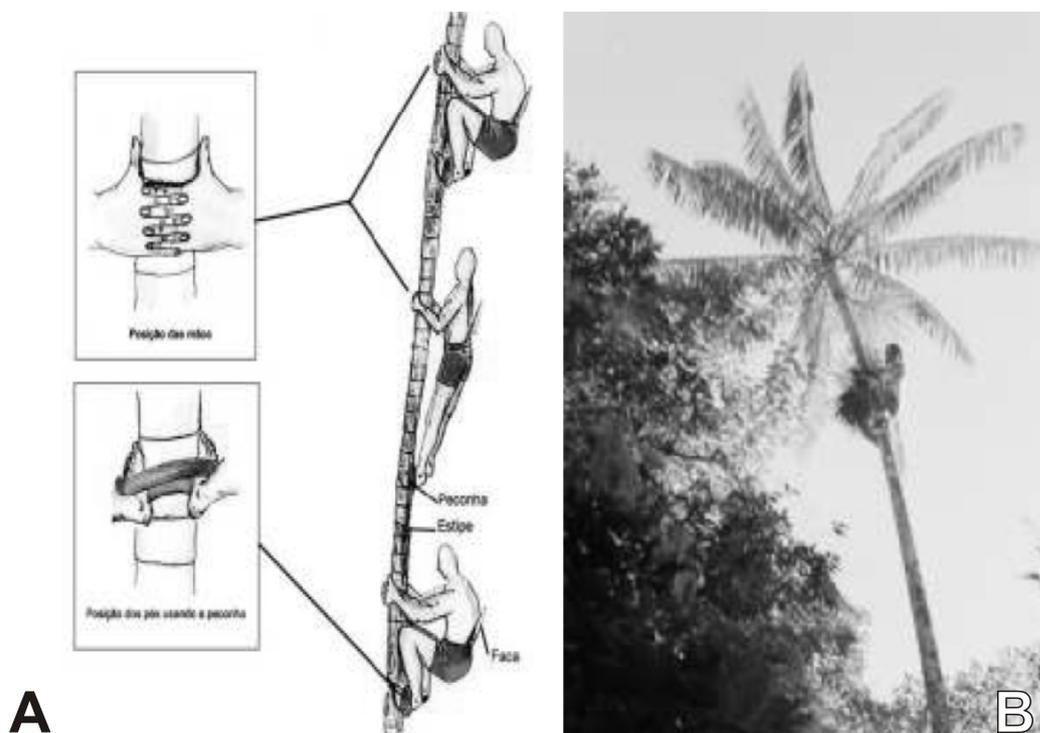
O camponês-ribeirinho confirma a maturidade do fruto a partir de sua coloração mais escura, tornado-se negro. A partir disso ocorre o processo da colheita com a escalada na palmeira prendendo o terçado na boca ou no cinto. Para seu equilíbrio utiliza-se uma peconha² envolvendo os pés, segurando-se na estipe, sobe até os cachos localizados no ponto mais alto podendo até tirar mais de um cacho na mesma subida (FIGURAS 3A e 3B).

O açaí produzido em Codajás possui tipos de comercialização: diretamente com o produtor, a partir do atravessador ou da associação, tendo um mercado local, regional e internacional. O consumo local absorve 40% da produção, tendo uma relação direta produtor-comprador. Nesse tipo de comércio o

produtor, ou seus familiares, atua também como vendedor não havendo intermediação. O açaí é vendido tanto no caroço quanto na forma de polpa pelas ruas e nas feiras de produtores da cidade. A polpa ou vinho é produzido por uma máquina conhecida como “despolpadeira”, mas por ser pequena não comporta uma produção em larga escala.

O comércio regional é feito por meio de “atravessadores” (terceiros que compram o açaí para revender), o açaí assim como no primeiro caso é vendido no caroço sem agregação de valor, o “atravessador” vende o produto na capital Manaus onde é beneficiado e vendido como polpa. Neste caso a comercialização do açaí é somente no caroço, embalado em sacas, por não ter valor agregado e dependendo do período do ano (auge da produção de março a maio) o saco pode custar valores irrisórios.

A terceira forma de comercialização, a Cooperativa Mista de Produtores de Açaí e Frutas Regionais de Codajás, é uma associação de produtores rurais que atua em parceria com a Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus) que é dona da indústria de beneficiamento que possui um frigorífico, uma balsa e um contêiner refrigerado responsável pelo escoamento da produção no porto de



Figuras 3A e 3B - Processo de coleta do cacho de açaí.
Fonte: PERREIRA, 2007, p.68.

Manaus e de uma sede da associação em Manaus que serve como ponto de venda a varejo do açaí em polpa. O açaí da Cooperativa é beneficiado em Codajás e é vendido ao Governo do Estado sendo utilizado na merenda escolar e é também exportado para outros países como Estados Unidos a fim de consumo e Holanda tendo como destino indústrias farmacêuticas.

Quando Codajás não possuía uma fábrica de beneficiamento de açaí a produção e comércio tinha três problemas para se desenvolver: validade do produto, valor e mercado. O açaí tem uma validade *in natura* muito curta, em média dois dias antes de perder sua qualidade o que ocasionava muitas vezes a perda de parte da produção e uma limitação de mercado consumidor, sendo o mais distante a cidade de Manaus.

O açaí sem valor agregado, sendo vendido em caroço, aliado a limitação do tempo de validade gerava ao produtor ou

extrativista uma rentabilidade muito baixa o que vem a mudar com o início do processo de beneficiamento do produto na própria cidade. Antes da fábrica, a saca da fruta colhida em Codajás era vendida por R\$ 3,00. Era o preço que os atravessadores pagavam pelo produto, vendido, depois, para os produtores de polpa em Manaus. A partir do processamento industrial local, o preço subiu mais de dez vezes. A saca está cotada em R\$ 35,00 em média. No pico da oferta o preço cai para não menos do que R\$ 20,00.

A partir da parceria da Cooperativa Mista de Produtores de Açaí e Frutas Regionais de Codajás com atualmente 130 associados junto a Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), foi possível não somente o beneficiamento do açaí alcançando melhor valor de mercado, mas também a sua comercialização para Manaus e fora do país. O açaí beneficiado não é destinado para o consumo local, apenas para exportação.

A principal área de produção do açaí do município está localizada ao redor da cidade, em sítios da estrada Codajás-Anori e nos ramais próximos. Isso não se deve ao fato de nessa localidade ter maior incidência de açazeiros nativos e sim pela facilidade do escoamento da produção, não sendo necessário o transporte fluvial que para comunidades mais distantes da cidade pode representar dias de viagem o que prejudicaria a qualidade e o valor do açaí.

Na estrada Codajás-Anori diferente do que se percebe nos ramais, o cultivo do açaí é realizado em forma de monocultura e em grandes hectares o que nos mostra a existência de médios produtores. Os camponeses se concentram nos ramais da estrada e caracterizam-se por uma policultura, não sendo somente o açaí a ser cultivado.

Mas se nos sítios os açazeiros foram cultivados, nas áreas próximas ao perímetro urbano estes são de origem nativa o que caracteriza um bem público. Contudo com o avanço da cidade seus limites chegaram nessas áreas e as casas ao redor acabaram por inserir nos seus quintais vários desses açazeiros tornando assim um bem privado, modificando a forma com a qual a propriedade de um produto extrativista se insere no modo de produção. Segundo Maia (1994) o avanço no urbano para o rural não é uma tendência única, ou seja, não significa que o inverso tenha sido abolido. Em comparação, se os subúrbios representam uma extensão da cidade e do modo de vida urbano, o espaço rururbano se caracteriza pela imbricação e interrelação entre espaço rural e espaço urbano.

A parte norte da cidade de Codajás faz limite com terrenos baixos de inundação, onde há grande incidência de açazeiros nativos. A

expansão da cidade em direção a estas localidades fez com que os açazeiros nativos tenham sido tomados por casas e ruas que adentram esses lugares se apossando destes ao inseri-los em seus quintais.

Assim sendo, os moradores dessas casas possuem não só o terreno, mas também o meio de produção, ou melhor, as palmeiras nativas, nesse sentido incorporam a renda da terra ao comercializar o produto. Esta realidade tende a transformar a periferia da cidade em local de produção agrícola, com consequências tanto para o rural quanto para o urbano, transformando os limites entre a cidade e campo mais fluídos, integrando ambos os espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os municípios do Amazonas, principalmente aqueles com cidades pequenas, não podem ser entendidos sem as estreitas relações sociais e de produção decorrentes da relação campo/cidade. Esse processo decorre da dependência desses municípios de uma economia agropecuária e extrativista. Estudos recentes realizados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades na Amazônia Brasileira (NEPECAB) apontam para esta realidade de forte dependência das cidades localizadas ao longo da calha do rio Solimões-Amazonas da produção agrícola, familiar e de várzea (SCHOR; MORAES, 2009; MORAES; SCHOR, 2010).

Esta dependência vai desde o abastecimento com produtos *in natura* para consumo local quanto para atividades produtivas que alavancam a economia como é o caso do açaí em Codajás (que serve tanto para a exportação quanto para o consumo local). E mais que isso, a influência vital que um tem

para o outro: a de cidades pequenas do seu meio rural e vice-versa.

Na cidade isso se deve à falta de empregos fazendo com que muitos moradores venham a complementar ou ter a principal renda monetária retirada de produções agrícolas e extrativistas vegetais e/ou animais possuindo, muitas vezes, casas tanto na cidade quanto no campo. A pluralidade que é uma forma encontrada pelos produtores rurais para complementar a renda familiar, atua também na cidade de Codajás de forma inversa, é exercida pelos moradores da cidade que para se manter ou complementar a renda utilizam-se de produções agrícolas e/ou extrativista vegetal (açaí) e/ou animal (pesca). Ou mesmo para fins apenas de consumo como exemplo as hortas nos quintais das casas da cidade (SCHOR; MORAES, 2009). A expansão do espaço urbano em direções de regiões inundáveis onde predominam açazais nativos fez com que estes acabassem por se tornar parte dos quintais das casas que entraram nessas áreas, transformando um bem público em privado.

Nas comunidades rurais mais distantes da sede municipal as dificuldades de transporte e comercialização dos produtos, devido às longas distâncias e ausência de transporte regular em muitos lugares, são piores nos períodos de vazante e seca (quando o rio encontra-se em seu leito mais baixo). Tudo isso faz com que os ribeirinhos que moram longe da cidade tenham mais dificuldades de produzir e comercializar os seus produtos em relação aos que moram mais próximos.

Deste modo, cidades como Codajás, não podem ser entendidas sem uma relação com o seu meio rural e as produções agrícolas e extrativistas. Existe um interflúvio de relações

cidade-campo que torna a separação rural-urbano inócua para a compreensão do sistema socioecológico que configura a vida no Amazonas.

NOTAS

ⁱ Este artigo é oriundo de pesquisa inserida no Programa de Pesquisa da Rede Urbana da Calha do Rio Solimões-Amazonas coordenado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades da Amazônia Brasileira - NEPECAB/UFAM, que teve financiamento do subprojeto "Interações sociais e mudanças do uso da terra" do Projeto Milênio LBA2 "Integração de Abordagens do Ambiente, Uso da Terra e dinâmica social na Amazônia: as relações Homem-ambiente e o desafio da sustentabilidade" e do Projeto "Dinâmica das cidades amazônicas, globalização e desenvolvimento regional" Edital MCT/CNPq Universal 2007.

ⁱⁱ Bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas; Membro Colaborador do Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades da Amazônia Brasileira (NEPECAB) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
Email: thp.marinho@gmail.com

ⁱⁱⁱ Economista; doutora em ciência ambiental pela Universidade de São Paulo (USP); Professora do Departamento de Geografia, do Programa de Pós-graduação em Geografia e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas de Cidades da Amazônia Brasileira (NEPECAB) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
E-mail: tschor@ufam.edu.br

¹ A produção urbana do açaí em Codajás deve ser considerada, não simplesmente como um

caso específico, mas como um “caso ilustrativo”, no sentido de que “não estão aí para provar e sim para explorar a maneira pela qual descrevemos as situações” (STENGERS, 2002, p. 29).

² Peconha é um utensílio rudimentar amazônico similar a um cinto, utilizado na escalada de árvores comumente fabricado a partir de fibras de Ubuçu (tururi), Ripeira ou Matamatá. Esta técnica é amplamente utilizada para coleta de recursos vegetais de espécies como Açaí, Bacaba, Patauí e Ubuçu.

REFERÊNCIAS

- BROWDER, John O.; GODFREY, Brian J. *Cidades da floresta: urbanização, desenvolvimento e globalização na Amazônia brasileira*. Manaus: EDUA, 2006.
- ESTATÍSTICA, Instituto Brasileiro de Geografia e. *Produção Extrativista Vegetal 2006*.
- MAIA, Doralice Sátyro. *O campo na cidade: necessidade e desejo. Um estudo sobre os subespaços rurais da cidade de João Pessoa-PB*. Dissertação de Mestrado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.
- MARINHO, Rogério Ribeiro. *Os Produtos Florestais Não-Madeiráveis (PFNM) no Médio Amazonas: dinâmica espacial das comunidades que o praticam e sua participação na economia do Estado*. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC/UFAM, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.
- MONTE-MÓR, Roberto Luís. A relação urbano-rural no Brasil contemporâneo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 2., *Anais...* Santa Cruz do Sul, 2004.
- MORAES, André de Oliveira; SCHOR, Tatiana. Redes, Rios e a Cesta Básica Regionalizada no Amazonas, Brasil. *ACTA Geográfica*, Boa Vista, vol. 04, n. 07, p. 79-89, 2010.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Questões teóricas sobre a agricultura camponesa. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Ubelino de (org.). *A agricultura camponesa do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1996.
- OLIVEIRA, José Aldemir de; SCHOR, Tatiana. Urbanização na Amazônia: O local e o global. In: VAL, Adalberto Luiz; SANTOS, Geraldo Mendes dos (org.). *Grupo de Estudos Estratégicos Amazônicos - Caderno de Debates TOMO III*. Manaus: INPA, 2010, p. 145-189.
- PADOCH, Christine; BRONDIZIO, Eduardo; COSTA, Sandra; PINEDO-VASQUEZ, Miguel; SEARS, Robin R.; SIQUEIRA, Andrea. Urban forest and rural cities: multi-sited households, consumption patterns, and forest resources in Amazonia. *Ecology and Society*, vol.13, issue 02, art. 02, 2008.
- PERREIRA, Cloves Farias. *Vida ribeirinha no Lago Cururu: territorialidade, formas de apropriação e usos dos territórios do Baixo Solimões (AM)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA, Universidade federal do Amazonas, Manaus, 2007.
- REIS, Douglas Sathler dos. O rural e o urbano do Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS - ABEP, 15, *Anais...* Caxambú, 2006.
- SCHNEIDER, Sérgio. *Agricultura familiar e Industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- SCHOR, Tatiana; COSTA, Danielle Pereira; OLIVEIRA, José Aldemir de. Cidades, rede urbana e desenvolvimento na Amazônia dos Grandes Rios. In: TRINDADE JR., Saint-Clair Cordeiro; CARVALHO, Guilherme; MOURA, Aldebaran; GOMES NETO, João. (Org.). *Pequenas e médias cidades na Amazônia*. Manaus: FASE/UFPA, 2009, p. 35-58.
- SCHOR, Tatiana; MORAES, André de Oliveira. Hortas Urbanas e os Modos de Morar: a produção de hortaliças nos quintais das

idades no Amazonas. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 19, *Anais...* São Paulo, 2009.

SILVA, José Graziano da. O novo rural brasileiro. IN: SHIKI, Shigeo (org.). *Agricultura meio ambiente e sustentabilidade no cerrado brasileiro*. Uberlândia: UFU, 1997.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. Tradução de Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002.

VEIGA, José Eli da. A atualidade de contradição urbano-rural. IN: BAHIA,

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da (SEI). *Análise Territorial da Bahia Rural*. Bahia: Série Estudos e Pesquisas, n.71, 2004.

WINKLERPRINS, Antoinette M. G. A.; SOUZA, Perpetuo S. de. Surviving the City: Urban Home Gardens and the Economy of Affection in the Brazilian Amazon. *Journal of Latin American Geography*. Texas, vol. 04, issue 01, p. 107-126, 2005.

WITKOSKI, Antônio Carlos. *Terras, florestas e águas de trabalho*. Manaus: EDUA, 2007.